

## 1. Introdução

Esta dissertação resulta de um esforço de leitura da questão poética em Georges Bataille através do livro *O Arcangélico*, única obra exclusivamente composta em poemas pelo autor. A experiência de leitura dessa obra se desenvolveu sobre dois eixos que se alimentaram constantemente ao longo do processo de realização deste trabalho: por um lado, a tradução dos versos para o português usada como ferramenta para a sua experimentação; por outro, o estudo da noção do autor sobre poesia e noções constelares a ela (tais como morte, erotismo, impossível, e sensível).

A prática tradutória, ao suscitar a obrigação de se decidir por significados, por priorizar tais ou quais aspectos, enfim, por seu caráter “determinativo”, possibilitou uma experiência concreta de embate com o não-sentido e com o *indecidível* do sentido que Bataille explora em seus versos. Essa experiência suscitou a necessidade, muitas vezes, de percorrer a obra teórica de Bataille em busca de indícios que levassem aos significados mais adequados, ou mesmo, de embasamento conceitual para estabelecer os critérios próprios àquela tradução.

Os conceitos, por sua vez, por serem quase sempre muito abertos e raramente definidos categoricamente por Bataille, menos que determinar, cada vez mais abriam múltiplas possibilidades de leitura e de tradução, complexificando a experiência de contato com a poesia em si. Assim, o trabalho que ora se apresenta deve ser percebido como uma só travessia (o que talvez só ganhe sentido ao término da leitura), ou como uma via de mão dupla que se deu a partir do desejo de incorporação da experiência poética como a chave de leitura. Obviamente, e mesmo que não se tivesse, desde o início, consciência desse processo, essa dupla investida, teórica e tradutória, não poderia ter se dado sem uma mútua interferência, sem atritos e tensões.

Assim, a apreensão da noção de poesia em Bataille, tal qual se apresenta agora, é resultado de uma conversa entre experiência poética, experiência tradutória e leitura teórica. Ao passo em que o verso impactava com seu vazio informe, o questionamento do informe revelava-se um desafio à tradução que por sua vez remetia ao mergulho na leitura conceitual. Por outro lado, nas dificuldades objetivas do mergulho em cada palavra que a tradução provoca, os versos se

abriam a novos sentidos, a leitura se refazia, e mais que isso, a experiência poética se transformava na própria experiência da tradução. Do mesmo modo, a leitura conceitual muitas vezes iluminava a tradução, abrindo novos caminhos possíveis, antes inimagináveis porque sequer questionados. Enfim, como um só fluxo contaminado de *informe*, de vazios de sentido, a busca pelo corpo da poesia na obra de Bataille foi aprofundada nessa constante revisita entre prática, experiência e teoria, que deu ao final a significação maior do espaço desse percurso e do presente texto.

Esse movimento de vaivém acaba sendo paradoxal para o empreendimento que é ler e traduzir poesia dentro de uma perspectiva da experiência. Como adotar essa perspectiva solicitada pelo autor se é inevitável que haja na mesma uma contaminação de teor conceitual que parte dele mesmo? Esses e outros questionamentos das noções de Bataille extrapolam o âmbito de uma dissertação de mestrado, e não puderam ser, portanto, aqui melhor elaborados. Embora alguns desses questionamentos tenham sido aqui tangenciados, ao final não puderam ser explorados em toda a sua complexidade conceitual. A noção de fora na obra do autor, a noção da morte como origem da palavra, a idéia de comunidade dada na morte, entre outras, são questões que permanecem em aberto ao fim desta trajetória.

Assim, esta dissertação teve por objetivo realizar uma abordagem da obra de Georges Bataille, ou uma perspectiva que tirasse dela um duplo proveito: tanto temático (a questão da poesia) quanto metodológico (partir das noções de *experiência* e de *informe* para a leitura e tradução dos poemas). Dividido em duas partes complementares, o trabalho inicia-se com a leitura das concepções teóricas do autor acerca da poesia, seguida de um breve diálogo crítico com os autores franceses que balizam a sua recepção no século XX, e prossegue com as análises do livro *O Arcangélico* e de sua tradução (versão em português), aqui produzida.

Considerando a extensão da obra de Bataille e os limites inerentes a uma dissertação, optou-se por apresentar um recorte teórico que acompanhasse os textos nos quais o autor constrói seu pensamento apoiado diretamente na análise literária. Assim, as questões poéticas aparecem e aprofundam-se na mesma medida em que os poetas oferecem condições para os questionamentos sobre os quais Bataille se debruça. Por se tratar de uma obra que constela uma série de noções próprias (que são provenientes de inversões ou complexificações de

valores operadas pelo autor), fez-se indispensável também o desenvolvimento de alguns elementos conceituais que cercam a visão de Bataille sobre poesia e que aparecem intrincados às análises desenvolvidas.

A segunda parte do trabalho, além de consistir da leitura de *O Arcangélico*, desdobra-se também na apresentação da tradução e na reflexão que a tarefa da tradução suscitou. A partir da perspectiva que o autor traz sobre a experiência poética enquanto experiência de embate do ser com o desejo de expressar (traduzir) o que é sensível em palavras, foi possível levantar algumas questões sobre o embate com o impossível da linguagem decorrente da tradução de um idioma para outro. Assim, se Bataille fala de poesia como experiência sensível do desconhecido, o percurso desta dissertação se desenvolve ao redor da tentativa de valorizar os pontos cegos e sensações de vazio tanto na leitura dos versos quanto na análise da tradução. Quanto a esse ponto, é importante notar que a experiência de tradução foi uma porta de entrada para lugares reservados ao encontro do corpo dessa poesia com o meu próprio corpo, já que nesse desafio insiste-se sobre as impossibilidades da língua e dos próprios limites do tradutor.

Bataille valoriza uma perspectiva de análise poética que reluta contra “considerações razoáveis” que estariam “aquém da emoção informe” a que os poetas teriam tentado traduzir em seus livros. A ele interessa mostrar que a emoção só poderia ser captada “no excesso, pelo qual ela ultrapassa os limites”<sup>1</sup> e pelo qual deixa de ter qualquer dependência castradora da criatividade. Foi, portanto, buscando ser coerente não só na tradução, mas também na leitura dos poemas com aquilo que Bataille considera ser o essencial da poesia, o lugar do excesso, ou de emoção informe dificilmente traduzível, que se optou por abordar *O Arcangélico*. Nesse livro o autor explora a questão do *excesso*, do *informe*, da *morte* e do *sensível* tanto pelo recurso a uma linguagem transgressiva das normas poéticas, quanto por tomar por objeto central o embate do eu-poético com o vazio da morte transfigurado no imenso desmedido que é o universo. Encenando na sua criação uma experiência que leva o leitor a perder-se nos significados múltiplos

---

<sup>1</sup> BATAILLE. Georges. *A literatura e o Mal*. Porto Alegre. L&PM. 1989. Tradução de Suely Bastos. p. 77. Este livro, originalmente publicado sob o título *La littérature et le Mal*, Gallimard, 1957, é uma coleção de artigos do autor que foi lançada simultaneamente a *Le bleu du ciel*, Jean-Jacques Pauvert, e *L'Érotisme*, Éditions de Minuit. Segundo consta na edição brasileira, nesta ocasião teria sido divulgado também um folheto que pedia aos leitores que reunissem os três livros. Ao contrário do livro *O erotismo*, que ganhou um espaço maior neste trabalho, *O azul do céu* só aparece citado na introdução e não foi alvo de desenvolvimento devido a limitações próprias a uma dissertação.

que a construção aberta dos versos oferece, Bataille provoca uma experiência particular de contato com o sensível.

Aproveitando-se dos argumentos que o autor desenvolve ao investigar a poesia, optou-se por realizar uma leitura desse livro que pudesse ser expressão de determinada experiência daquelas palavras. Essa leitura, que não se permite desvirtuar da primazia da *experiência*, contém um aspecto paradoxal situado entre as fronteiras da crítica e da poesia, pois ao mesmo tempo em que se quer a ferramenta metodológica que não conceba como orientação nenhum discurso fechado, ou teoria que se coloque *a priori*, nunca deixa de ser em si mesma uma orientação. Do mesmo modo, a poesia que se quer expressão do sensível ao refletir um modo de pensar a própria linguagem carrega em si muito mais que o resultado, o projeto intelectual do qual faz parte. Deste modo, é necessário considerar inicialmente que este trabalho, no que se propõe à leitura dos poemas de Bataille sem prender-se a associações conceituais sistemáticas, engendra o paradoxo da teoria com a qual lida e o encena aqui na manutenção de uma apresentação que separa teoria e poesia. Lembrando, no entanto, que o percurso só pode ser efetuado no cruzamento *ad infinitum* desses termos.

Por um lado, a teoria oferece os elementos para que se pense a poesia como expressão do sensível e para que se compreenda a própria composição do autor; mas por outro, ao abordar os poemas, perde-se da teoria que está por trás de sua composição. Quis-se com isso, não afirmar a ingenuidade da poesia, muito pelo contrário: tendo considerado que Bataille julga a literatura “culpada”, pretende-se com esta divisão alimentar a possibilidade de uma leitura daquela experiência poética tal como teoricamente o autor parece ter desejado que ela fosse lida, procurando encontrar o que de sensível aqueles poemas comunicam, e de que forma isso se dá na prática.

\*\*\*

Um mapeamento da questão da poesia na obra de Georges Bataille foi feito com exímio rigor, graças ao lançamento das obras completas do autor.<sup>2</sup> Jacques Cels, em seu livro *L'exigence poétique de Georges Bataille* (1989), e

---

<sup>2</sup> Lançamento finalizado pela editora Gallimard em 1987 em Paris.

posteriormente Sylvain Santi, *À l'extrémité fuyante de la poésie* (2008), publicaram estudos exclusivamente dedicados à abordagem do tema. Há também importantes prefácios às edições das poesias de Bataille, como o de Bernard Noël, e o de Michel Camus,<sup>3</sup> frequentemente citados nos estudos teóricos acerca da poesia do autor. Deve-se salientar que Cels percorre a visão de Bataille articulando o contexto histórico e filosófico no qual o autor se insere com aproximações de outros pensadores, por vezes criando tensões, outras facilitando a compreensão de determinados aspectos. No entanto, o comentador permite-se evitar a análise dos poemas de Bataille mantendo-se exclusivamente sobre o campo teórico. Já Santi, além de atravessar o campo teórico, alcança os versos de Bataille e os incorpora como um desdobramento de um diálogo conceitual que alinhava cronologicamente. Quanto a Noël e Camus, ressalta-se em suas leituras a identificação do diálogo que Bataille estabeleceria por meio de sua produção poética com poetas como Mallarmé e Rimbaud. Camus, por estar especialmente dedicado a prefaciá-lo uma edição de poemas eróticos, enfoca sua atenção, obviamente, sobre a noção de erotismo. Por fim, é indispensável citar, entre a bibliografia especializada, a detalhada biografia que Michel Surya escreve sobre o autor, *Georges Bataille, la mort à l'oeuvre*, no trecho dedicado à relação de Bataille com a poesia. Essa passagem resume-se à importância de Rimbaud para a elaboração do pensamento batailliano e corrobora a tese daqueles que aproximam a estética de Bataille à surrealista já que esse movimento se filia diretamente a Rimbaud.

Aqui, mais que entrar na discussão acerca da aproximação ou distinção de Bataille com relação ao surrealismo (movimento com o qual o autor tem uma relação conturbada), interessa constatar que não há entre os autores acima citados uma análise que abarque diretamente *O Arcangélico* (nem mesmo por parte daqueles que prefaciaram os seus livros de poemas).

O livro *O Arcangélico*, escrito no período da 2ª Guerra Mundial (publicado em 1944), tornou-se o objeto de estudo privilegiado desta dissertação por ser entendido aqui não só como uma poesia que Bataille propõe ser expressão da experiência interior ou da experiência informe de morte, mas também porque coloca em questão a própria teoria do autor sobre poesia. Bataille, interessado em

---

<sup>3</sup> CAMUS, Michel. "Mortis et vitae locus". Prefácio. In: *Poèmes et nouvelles érotiques*. Mercure de France, 1999.

destituir a poesia dos poderes do discurso e da ordem para expressar a “experiência pura” (experiência interior), apresenta uma escrita poética que também pode ser vista, no limite, como contestação da teoria com a qual se relaciona. O autor nega a prática de uma poesia subordinada a qualquer ordem mas, na medida em que sua poesia é coerente com sua concepção teórica, ela não escapa do próprio paradoxo. Neste estudo procurou-se *experimental* os poemas do autor sem, necessariamente, ilustrar a teoria com a qual se relaciona fundamentalmente, ou seja, lidando apenas com uma contaminação da noção de *informe* para ler o que diz de si mesmo *O Arcangélico*.

Santi apresenta a conexão teórica que foi privilegiada como prática para a realização do presente estudo: “nos parece que há uma grande convivência entre o Bataille da *Documents*, que constrói uma verdadeira rede de imagens e de semelhanças alterantes do meio, notadamente, da montagem fotográfica, e o Bataille poeta. Pois a poesia de Bataille preferirá sempre desenvolver mais as semelhanças transgressivas que as dessemelhanças radicais, fazendo ao mesmo tempo da comparação uma de suas figuras de predileção”.<sup>4</sup> O interesse deste trabalho é o estabelecimento de uma prática de leitura do livro de poemas de Bataille que aceite a noção de experiência poética proposta pelo autor, acreditando-se ser possível uma reflexão que surja do contato com palavras-imagens, ou imagens poéticas, em oposição a uma lógica do “testemunho” do sentido, ou da justificativa teórica.

Como esclarecido por Didi-Huberman em seu estudo sobre a proposta estética da revista *Documents*, Bataille desenvolve uma obra que se estabelece no *rasgo*, e que se quer rasgante. Didi-Huberman ressalta ainda o duplo proveito que oferece a palavra *experiência*, fundamental para o entendimento da noção do rasgo. O termo incorpora-se nessa obra tanto como uma experiência para o fruidor quanto como uma experiência em si, como obra *experimental*.<sup>5</sup> Quando Bataille oferece a experiência de colocar em contato imagens e textos que se desestabilizam uns aos outros – sem que sejam, contudo, algo totalmente estranho ao conteúdo, ou *nonsense* –, *ele* mostra que essa desconexão viabiliza uma reação sensível no leitor, uma desestabilização direta do processo cognoscitivo do leitor.

<sup>4</sup> SANTI, Sylvain. *Georges Bataille, à l'extrémité fuyante de la poésie*. Ed. Rodopi, NY, 2007, p. 83.

<sup>5</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *La ressemblance informe ou le gai savoir visual selon Georges Bataille*. Ed Macula, Paris, 1995, p. 09.

É através da aproximação de significados estranhos uns aos outros que o autor provoca o distanciamento por meio do contato, ou seja, provoca um rasgo na noção de semelhança que ordena a linguagem.<sup>6</sup> Com isso, o indivíduo que busca uma resposta na imagem para o significado do texto e não a encontra, volta ao texto e do texto retorna à imagem de modo que, nunca encontrando uma saída, perfura a imagem e o texto de uma profunda estranheza. Esse valor do *estranho* é o que Bataille procura ressaltar como ponto central e instável, que fundaria o movimento cognoscitivo humano (e também as relações humanas de modo irrestrito) e que terá desdobramentos amplos ao longo da carreira do autor. A poesia estaria intimamente ligada a este lugar ao qual o autor irá chamar de “corpo estranho” ou “heterogêneo” exatamente pelo fato de expressar o desejo incessante do homem por aquilo que está fora dele e que lhe é inacessível em termos outros que não o sensível.

Esse lugar de rasgo ou de ida à fronteira do saber, no qual Bataille situa seu interesse, é visto pelo autor como um espaço que deveria ser reinvestido do seu potencial alargamento das dimensões da linguagem. Contudo, para poder dar isso à *prova* e para dar prova da experiência de uma “experiência do rasgo”, do contato com esse “estranho”, Bataille cria imagens-poéticas extremamente incômodas que balançam o conceito do *nonsense* Dada, e a poesia onírica da escrita automática surrealista. O autor prova (experimenta) um desarranjar (rasgo) do sistema cognoscitivo de reconhecimento, processo alienado em si mesmo (comprovador), para criar um sistema de “reconhecimento” autêntico, em que a única coisa que se pode de fato *reconhecer* é o surgimento da experiência interna de um conflito que se dá no intelecto quando o homem se confronta com o contrário do sentido, quando ele se perde no não-sentido. Reconhecer é conhecer de novo, infinitamente.

É esse contrário do sentido, de um sentido dado das coisas, (i) limitado no rasgo e percebido no ínterim entre o dar sentido e o conhecer o não-sentido que Bataille irá pesquisar: de que modo se o representa; de que modo se pode falar dele, se é que dele se pode falar; de que modo este ínterim, este rasgo, se guarda

---

<sup>6</sup> Tome-se como exemplo o artigo “A linguagem das flores”. In *Documents*, n° 3, junho 1929, em que o autor problematiza a associação entre a imagem das flores à beleza ideal, ao trazer à tona a perenidade das pétalas. Ao longo do texto o autor coloca em questão as noções de signo, símbolo e linguagem. As fotos científicas, ampliações das flores “nuas”, sem pétalas, que acompanham o texto, focam, sobretudo, os órgãos reprodutores das plantas e fazem das imagens não meras ilustrações, mas incógnitas provocativas.

na linguagem; e ainda, culturalmente, de que modo foi determinado e (re)conhecido o não-sentido e como se afastou o problema de sua inacessibilidade.

Atento para o fato de a religiosidade ser a esfera reguladora da experiência do homem diante do ilimitado que se abre quando o homem se posiciona diante do nada que há, nomeado e figurado como “sagrado” (no cristianismo como “Deus”), Didi-Huberman conclui que Bataille é de uma irreligiosidade total, pois está situado além da ortodoxia e antes da conversão. Isso explica-se pelo fato de o autor não converte o *nada*, encoberto pela linguagem, em algo nominável, mas justamente por se interessar por trabalhar sobre o *seu* terrível e inalienável aspecto *informe*. Bataille dedica-se a pesquisar sobre o que acontece ao homem quando se encontra diante dessa impossibilidade de conceber o sentido do que não tem sentido. O trabalho exposto na revista *Documents* como o contraponto ao sistema de “comprovação”, ao esforço de criar uma experiência de “rasgo” (a que prefiro chamar de “provação” porque é uma experiência que coloca o sujeito à prova, que o situa dentro do jogo), que é sugerida por imagens e textos que se estranham entre si *no* homem, demonstra um entendimento paradoxal de Bataille sobre a consciência humana da morte: impelido ao desconhecido, o homem aterroriza-se dele e quer recuar, mas ao mesmo tempo é o que desconhece que o seduz. Somente enfrentando o desconhecido é que se pode avançar sobre ele, experimentá-lo.

A consciência também, para se libertar dos sentidos e dos prejulgamentos e se abrir ao “jogo”, ao mesmo tempo em que faz uma concessão à desrazão que é o desconhecido, o faz em busca da razão, em busca de conhecer. Para que a experiência seja integrada ao “real” do homem, ela precisa ser positivada, ser feita *linguagem*. Assim, antes que se diga que a experiência nega a teoria, é importante notar que Bataille vê na experiência do rasgo (considerada enquanto sensível, enquanto negação do sentido e do significado) o interesse de explorá-la teoricamente, pois só se pode observar a prática a partir da consciência do seu efeito. Isso está claro para Bataille, pois o autor irá sempre notar o seu lado paradoxal mas sem se deixar por isso afetar. O objetivo de não ter objetivo, em si, não pode existir; um nega-se ao outro, mas é exatamente esse impossível que Bataille irá valorizar como “problema” fundamental do homem: desejar o impossível seria o objetivo único e primeiro.

Mesmo que a consciência parta de uma não-consciência mediante à experiência de um reflexo, uma inflexão da consciência sempre acontece fazendo de nós seres conscientes de nossas experiências. Decerto o autor atua pela via da experiência, via essa que é a mediação entre dois “mundos”. É nessa fronteira experimental que Bataille desenvolve a proposta prática que visa sublinhar este lugar desconfortável do homem frente ao desconhecido (onde o pensamento bascula do sensível para o entendimento e do entendimento para o sensível) como espaço de metamorfose, em que o desconhecido ganha corpo e, ao ganhar corpo, torna-se objeto supostamente “conhecível”. É nessa espécie de central nevrálgica que Bataille pretende intervir, sensivelmente, propondo que se re-conheça o espaço estranho que nos co-habita, homem e linguagem, a partir da expressão de uma *experiência no mundo*.

Situando a poesia como a expressão soberana,<sup>7</sup> Bataille chega a esta interessante proposição: “a partir do momento em que não se parte mais da pressuposição dogmática, parte-se da poesia”.<sup>8</sup> A expressão que funda a linguagem, que constitui o homem na linguagem, é vista por ele como um sacrifício do não-sentido que haveria no mundo numenal. Se nada que exista fora de si é de fato conhecível, também o ato de nomear seria dar forma ao informe, seria querer possuir (pela linguagem) algo que é inapreensível em si. É nesse sentido que Bataille entende a linguagem como sacrifício do *desconhecido*. Segundo o autor a solidão do gênio poético seria necessária ao “sacrifício em que tudo é vítima”.<sup>9</sup> A poesia dentro dessa lógica será então entendida como uma busca do poeta, encerrado em sua existência e consciente de sua descontinuidade (e, portanto, de uma solidão absoluta), por sacrificar as próprias palavras. O poeta buscaria sacrificar o sentido que as palavras são a fim de expressar o sensível que experimenta no contato com o mundo. Para o autor, a imagem poética é aquela do caminho inverso ao cognitivo, em que o encontro com o sensível, mais que a origem da experiência da linguagem, é a imagem que não se firma em um dado sentido, é aquela arrancada de seu sentido supostamente fixo para perecer nesse

<sup>7</sup> Bataille usa o termo *soberania* para falar de uma *comunicação forte*: “ela é sempre comunicação”, diz o autor em *A literatura e o Mal* (P. 180). Como se verá desenvolvido adiante, a soberania fala de uma transgressão moral da ordem e do Bem, expressiva de uma hipermoral do Mal (uma condição do criativo).

<sup>8</sup> BATAILLE, Georges. *A experiência interior* (notas para o parágrafo final). São Paulo, Ed. Ática, 1992, p. 205.

<sup>9</sup> Idem

espaço híbrido, no íterim vacilante (entre o sensível e a linguagem) que empurra o homem para o abismo do não-sentido. A poesia consistiria, enfim, na expressão da *sensibilidade* que o poeta tem desse desconhecido instável e permanente, do conflito que funda o homem na linguagem e no mundo, e o qual ele nunca poderá resolver senão buscando conhecê-lo, ou seja, criando linguagem.

O esforço de situar o sentimento de projeção para fora, ao qual o intelecto é induzido quando quer criar um novo sentido, quando quer criar o positivo dessa imagem negada, poderia ser chamado dentro da leitura de Bataille de *esforço de uma criação poética autêntica*, o qual quer tocar o infinito no sacrifício das palavras em emanações do sensível. A figuração desse sacrifício se dá na poesia de Bataille em um jogo de aproximação entre significados que se repelem de modo que os significantes se descolam parcialmente de seus significados convencionais. Essa quebra da unidade do signo da linguagem operada por Bataille é, portanto, um colapso que permite re-enquadrar a imagem-poética na superfície do papel. Na medida em que o homem encena a visão que tem do interior destas “feridas” da linguagem, como o fez Bataille, ele estaria encenando a própria natureza da linguagem pondo à prova uma metalinguagem da linguagem através de uma experiência negativa da linguagem.

Considerando a importância que esse espaço não-significado teria para o homem desde suas mais remotas expressões até os nossos dias, Bataille vai agregando ao longo de sua vida as diversas maneiras pelas quais a questão pode ser explorada. Opondo-se sempre ao *modus operandi* do conhecimento (em sua acepção corrente, científico, comprobatório) como sistema de expressão de um mundo que, ao invés de se interpelar a si mesmo, se mantém orientado para dentro de seus limites, para um funcionamento contido em si, o mundo em que Bataille se engaja é aquele que está para além da ordem, orientado para fora de si, um mundo que se reconheça naquilo que enormemente lhe escapa. É nesse sentido que Bataille entende o homem orientado pelo movimento de transgressão: para fora, o mundo, lugar que o homem está sempre beirando, querendo. O limite intransponível da unidade que é o ser, uma vida dotada de um corpo, será transgredido sempre de todas as maneiras possíveis. Essa será a história das religiões, das artes e da literatura contada por Bataille.

A poesia que Bataille requer é uma poesia que se lance no espaço sensível e irreconhecível que é o fora. Ela é originária de uma exigência interna irrecusável

do ser (do sujeito) que enfrenta o potencial de um olhar extremamente mais aberto que aquele no qual nos encerramos historicamente, um ângulo que permitiria reposicionar o mundo. Transfigurá-lo poeticamente seria, portanto, aceitar que o mundo se apresente e que a forma que lhe damos não passa de uma forma fechada à qual o infinito sensível sempre escapa. O mundo de Bataille é esse no qual não há nada dado, em que tudo é relação entre sujeito e objeto. Nesse percurso da busca pelo mistério vazio que é o mundo, a “história do intelecto” que venceu foi a protagonizada por sua funcionalidade; foi a sua característica positiva que a perpetuou enquanto linguagem como a conhecemos e a usamos ainda hoje, e Bataille não a nega, mas quer desenvolver um outro potencial que seja inverso ao onanismo em que essa linguagem se fecha e que seria possível fora do automatismo, fora da busca que o autor considera como idealista, idealizante, formalizadora e, em última instância, servil de uma sobrevivência pequena.

Há na leitura de Cels e de Santi um mesmo trajeto histórico que traça o pensamento de Bataille como um contraponto direto ao surrealismo, movimento ao qual Bataille imprecou o quanto pôde na juventude, acusando-o por seu idealismo, que é para o autor o que se pode ver de mais mesquinho diante da vastidão do desconhecido que o mundo é. É fato que as primeiras palavras que Bataille profere ao lado do termo *poesia* são extremamente degradantes em decorrência do ódio que irá destilar sobre a postura falsamente revolucionária que detecta expressa na poesia surrealista. A reação de Bataille, que rompe com Breton após uma aproximação na fase inicial do movimento, será a de combater diretamente o “ideal onírico” com a produção concreta de uma linguagem materialista, perturbadora dos sentidos. Nessa linguagem o que se coloca em questão é a própria consciência, o encerramento do homem no idealismo, e o próprio corpo posto em questão, como sujeito na experiência expressiva. O sujeito deve expressar o corpo, não a cabeça, o contato e não a razão, e para isso deve ser atacado o seu parâmetro de segurança básico que é o domínio dos sentidos. Criando esse movimento paradoxal em que o ir ao interior da consciência é o mesmo que se expandir para fora dos limites, e em que o deixar-se perder no não-sentido é a base da consciência, Bataille irá inicialmente dedicar-se, na revista

*Documents*, a destruir todos os valores daquela poesia que considera como “a escapatória mais degradante”.<sup>10</sup>

Não há nada de errado nas leituras que se referem ao surrealismo como ponto e contraponto fundamental do pensamento de Bataille, mas é conveniente evitar a determinação do pensamento de Bataille em função do surrealismo, em primeiro lugar pelo fato de que esse movimento ser parte de um contexto histórico, literário e filosófico complexo que remete a outras vertentes artísticas presentes na discussão, como o simbolismo na literatura e na antropologia, por exemplo, que eram naturalmente paradigmáticos para todos os intelectuais de então. Outro problema é a rotulação de Bataille como um surrealista maldito, termo pelo qual já apareceu caracterizado em textos brasileiros.<sup>11</sup> Bataille se desliga do surrealismo em primeiro lugar porque nega a lógica do termo em si, combatendo o idealismo que o “supra” (*sur*) admite. Nesse sentido, o autor está sempre lidando com o contato, com o embate, e recusa o espaço que se cria nesse sentido do termo. Se se quisesse definir o “realismo” de Bataille, faria-se necessário chamá-lo, ao contrário, de *baixo-realismo*, uma vez que sua obra se debruça sobre tudo aquilo que se fez conceber dentro da moral do que é baixo, do que é recusável, do mal.

Há um artigo de Bataille na revista *Documents* que é uma boa introdução para se situar o pensamento do “baixo”, intitulado “A Gnose e o baixo-materialismo”. Nesse texto o autor analisa imagens raras cunhadas em pedra do início da era cristã,<sup>12</sup> nas quais se puderam identificar imagens de deuses sagrados representados na figura meio humana (corpo humano sem cabeça figurando a imagem de um deus), encimada por uma cabeça animal. Ressaltando que o cristianismo teria sufocado a expressão dos valores do incontido, Bataille avança sobre o domínio antropológico para observar de que forma se relata essa experiência:

<sup>10</sup> BATAILLE, Georges. *Documents*. Paris, Ed. Mercure de France, 1968, p. 218.

<sup>11</sup> Em “Notas para uma muriloscopia”, in: *Murilo Mendes Poesia completa e prosa*. Nova Aguilar, 1994. p.16, José Guilherme Merquior diz: “Murilo na maturidade, o Murilo de Roma, era também familiar do surrealismo ‘perverso’ – o surrealismo ‘herético’ de Bataille; mas (...) seu próprio modernismo o reteve ao largo dos delírios algolânicos da surrealidade ‘maldita’”.

<sup>12</sup> Sendo funcionário do Gabinete de Moedas da Biblioteca Nacional da França, é interessante notar o aproveitamento que o autor fez do acesso que tinha aos livros raros, especialmente da seção conhecida como *inferno* em que se guardavam todas as obras de acesso restrito devido a serem considerados conteúdos perniciosos, e também da sessão de história das civilizações antigas.

Se abandonarmos hoje abertamente o ponto de vista idealista, assim como os gnósticos e os maniqueístas o tinham implicitamente abandonado, a atitude daqueles que viam em sua própria vida um efeito da ação criadora do mal parecerá até mesmo radicalmente otimista. É possível ser com toda a liberdade um joguete do mal se o próprio mal não tiver que responder diante de Deus.<sup>13</sup>

Desta forma, ao se pensar na cultura ocidental cristã que funda o *homem* como *imagem e semelhança de Deus*, essa idéia, quando formulada por Bataille, é totalmente transgredida, pois perde-se toda a possibilidade de estabilizar o homem. Deus, entendido como personificação do sagrado (espaço do ilimitado e desconhecido onde a razão não funciona), assemelha-se unicamente ao nada. Deus é uma representação conceitual (formal) do nada informe, de maneira que, subtraídas a sua perfeição e a sua estabilidade, mostra-se aquilo que Deus simboliza ocultamente: o instável, o poder da abertura ao ilimitado. Bataille fundamenta o homem numa completa ausência (ausência de forma no informe do desconhecido, ausência de significado) que irá identificar, por fim, à morte, ao desconhecido que a morte é e representa para o homem. O homem já não se funda mais na imagem estável de um ser eterno cujo intelecto se orienta para dentro do significado pré-fixado, mas pelo contrário, situa-se no movimento, no contato entre imagens vacilantes, que é o perecível ínterim entre a vida e a morte. O Deus castigador, objetivo e semelhante, que é o Deus da manutenção e da ordem, é tomado por morto, como anunciado por Nietzsche, e a morte que ocupa o espaço vago é o próprio vazio sobre o qual o autor irá se debruçar.

Bataille permeia seus escritos de todos os saberes aí envolvidos (filosofia, teologia, antropologia, artes, etc.), para criar uma concepção original que se diferencia e dialoga com as principais vertentes desses campos. Interessa a ele investigar o que restaria ao homem ver, o que estaria acontecendo consigo mesmo diante da ausência que finalmente reencontra. A linguagem ocupa um lugar central na discussão, mas, sobretudo, a localização pontual da discussão sobre a literatura do Mal (não mais o mal cristão, dualista, idealista, oposto ao bem, mas o mal criativo, o mal situado como conjunto de valores do *fora* que elabora), numa

---

<sup>13</sup> BATAILLE, Georges. “Le bas matérialisme et la gnose”. In: *Documents*. Op. Cit., p. 93 - 103. Citado na tradução inédita de Marcelo Jacques de Moraes e João Camillo Pena dos textos da Revista *Documents*.

poesia essencial e autêntica que emerge da vida sensível e reconhece a ausência de limites.

Bataille está, assim como os surrealistas, profundamente ciente do papel das artes, sugerindo que uma abertura do homem para um “materialismo sensível”, ou um “baixo materialismo” seria uma maneira de recusar-se à negação do sensível, expressiva de uma moral alienante numa suposta moral superior:

Assim, àquilo que é preciso chamar de matéria, uma vez que isso existe fora de mim e da idéia, submeto-me inteiramente e, nesse sentido, não admito que minha razão se torne o limite do que eu disse, pois se eu assim procedesse, a matéria limitada por minha razão logo adquiriria o valor de um princípio superior (que essa razão servil ficaria encantada de estabelecer acima de si própria, a fim de falar como um funcionário autorizado). A matéria baixa é exterior e estranha às aspirações ideais humanas e se recusa a se deixar reduzir às grandes máquinas ontológicas que resultam dessas aspirações.<sup>14</sup>

Afirmar o corpo será em Bataille explorá-lo em sua forma aberta, na sua sexualidade, no contato com o outro e na transgressão dos limites que se lhe imponham, sejam eles da ordem da linguagem, da moral, ou dos costumes. Segundo Camus, a voz que fala na poesia erótica de Bataille é a de um corpo inteiro em ação, e não só a da cabeça.<sup>15</sup> A teoria poética de Bataille, não apenas versa sobre uma exigência da *experiência* (sensível e indeterminada), como também a sua poesia singulariza-se como prática dessa concepção. Nas palavras de Noël, em Bataille haveria uma “perseguição simultânea da poesia e da experiência”,<sup>16</sup> a que se poderia chamar de infinita busca de uma experiência. Sem que se esteja buscando um lugar definido, uma resposta, nem um objetivo, qualquer pressuposição de resultado (assim como qualquer teoria) minaria a tentativa dessa expressão do que não se sabe.

Tal como a arte abstrata ganhou espaço na arte moderna estabelecendo-se na materialidade plástica das cores sobre a tela, Bataille também encontra no choque entre as palavras um espaço coerentemente abstrativo para a poesia: abstrair e subtrair são os principais objetivos dos poemas constantes de *O Arcangélico*, muito embora pese a Bataille que haja um objetivo inegável aí.

<sup>14</sup> “Le bas matérialisme et la gnose”. Op. Cit., p. 93 - 103. Trad. Marcelo Jacques e João Camillo Pena (inédito).

<sup>15</sup> CAMUS, Michel (Org) “Mortis et vitae locus” (Prefácio). In: *Georges Bataille Poèmes et nouvelles érotiques*. Paris, Mercure de France. 1999. p. 9.

<sup>16</sup> CAMUS apud NOËL, Bernard. “Le Bien du Mal” (Prefácio). In: *O Arcangélico et autres poèmes*. Paris, Gallimard, 2008.

Assim, é preciso ver com cuidado a questão de Rimbaud,<sup>17</sup> pois nesse autor não se trata de negar-se ao *projeto* radicalmente ao ponto do abandono verdadeiro, à retirada, como Rimbaud finalmente o fez com relação à poesia, mas de explorar o espaço limítrofe do seu silêncio gritante até a morte.

Uma das características centrais da forma de produção de Bataille é a interrelação entre seus livros e entre os saberes que eles trançam. O deslizamento do saber que se estabelece de um livro para outro conforma uma metalinguagem da concepção erótica do conhecimento, ou seja, existe uma clara preocupação de Bataille, desde suas primeiras produções, com o movimento de ida ao desconhecido, de encontro com o que não pode ser definido, movimento que tem como motor o desejo por tudo que nos é inacessível. Nesse sentido é que a fragmentação dos mesmos temas em diferentes livros e em diferentes gêneros da obra de Bataille é enriquecedora, pois ela pode ser lida mais como uma composição de notas dissonantes que soam uma só harmonia.

Os livros de Bataille se ligam como campos de tensão que nunca se fixam, mas formam uma ordem retorcida que é o signo de uma ausência. Como se verá, a recusa da ordem discursiva é o método da escrita de Bataille: “a desordem é a medida de minha intenção”,<sup>18</sup> diz ele, que compôs todos os seus livros sobre a linha tênue de uma precisa desordem construtiva. É comum nos seus livros encontrar poemas em meio ao discurso e à prosa, ou capítulos inteiros de poemas ao final de um romance, ao final de um discurso, de modo a inferir no seu próprio texto os “rompantes” sensíveis que ele quer abordar na teoria. É nítido que, ao subtrair o leitor do sentido ordenado das coisas (do pensamento), a dispersão dos poemas seja espontânea por um lado e, por outro, uma técnica calculada de desestabilização do texto discursivo.

Como se verá, Bataille chega a falar da poesia como uma linguagem, ou seja, o termo *poesia* encontra-se diluído no sentido do poético, e até mesmo no sentido do ser extrapolando os limites do gênero. Demonstra-se, no entanto, que Bataille considera o gênero como um espaço próprio, não apenas apropriado à comunicação sensível, mas também resultante dela. Bataille acirra nos versos, por dentro do gênero, a dimensão paródica que vê na representação da *experiência* em

<sup>17</sup> Muito embora Bataille tenha questionado o silêncio de Rimbaud, Noël afirma que Rimbaud teria sido o poeta ideal de Bataille: “ele o é por ter escolhido o silêncio” In: “Le bien Du Mal”. Op. Cit., p. 15.

<sup>18</sup> BATAILLE, Georges. *Le bleu du ciel*. Paris, Ed. Gallimard, 2006, p. 12.

palavras, em poesia. O autor quer retirar a poesia do seu papel conivente com a visão idealista do mundo, para levá-la a falar o impossível, a expressar (por mais que necessariamente a paródia seja a sua miséria) a experiência limite do homem com a morte. Transgredindo a noção do termo *poesia*, ao mesmo tempo em que agride, recria, investe na palavra a dimensão de uma linguagem poética, erótica, violenta, um tumulto constante da forma revela a tensão do seu conteúdo.

Observando esses elementos nas várias dimensões que este trabalho apresenta (tradução, análise literária e teoria), pretendeu-se acrescentar algo distinto das propostas já realizadas acerca da poesia de Bataille: esta dissertação origina-se do objetivo de “provar” o livro *O Arcangélico* (menos como comprovação da teoria de seu autor, mas antes de tudo como experiência poética), e desdobra-se na busca pela perspectiva apropriada para a leitura desses versos, seja no caso da tradução (e em seu questionamento posterior) seja na necessidade do mergulho na conceituação poética elaborada pelo autor.

\*\*\*